



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Raul Rodrigues Reis

**ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS
MODALIDADES ESPORTIVAS E SUAS ORGANIZAÇÕES
NACIONAIS E INTERNACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE O
FUTEVÔLEI.**

Campinas 2021



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Raul Rodrigues Reis

**ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS
MODALIDADES ESPORTIVAS E SUAS ORGANIZAÇÕES
NACIONAIS E INTERNACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE O
FUTEVÔLEI.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de **Bacharel em Educação Física** à Faculdade
de Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

Campinas 2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Andréia da Silva Manzato - CRB 8/7292

R277a Reis, Raul Rodrigues, 1992-
Análise sobre o processo de desenvolvimento das modalidades esportivas e suas organizações nacionais e internacionais : um estudo sobre o futevôlei / Raul Rodrigues Reis. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Paulo Cesar Montagner.

Coorientador: João Paulo Borin.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Futevôlei. 2. Modalidade esportiva. 3. Jogos Olímpicos. I. Montagner, Paulo Cesar. II. Borin, João Paulo. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Bacharel

Data de entrega do trabalho definitivo: 27-01-2021



ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS MODALIDADES ESPORTIVAS E SUAS ORGANIZAÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS: UM ESTUDO SOBRE O FUTEVÔLEI.

Raul Rodrigues Reis

BANCA EXAMINADORA

.....
Prof. Paulo Cesar Montagner

.....
Prof. João Paulo Borin



DEDICATORIA

Aos meus pais Luiz Carlos e Rosana, pelos sacrifícios, incentivo e todo apoio durante esta trajetória. A minha namorada, Náíade, pelo auxílio e motivação durante o processo. Ao meu irmão, Ricardo, pela compreensão e apoio.



AGRADECIMENTOS

A Faculdade de Educação Física, pela oportunidade e infraestrutura.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner pela disponibilidade, ensinamentos, paciência e amizade.

A todos os meus amigos de graduação pelo apoio e parceria durante minha trajetória.



RESUMO

O futevôlei é um esporte originalmente brasileiro que vem crescendo significativamente nos últimos anos em relação a quantidade de praticantes e visibilidade dos eventos, apesar do pouco interesse acadêmico sobre a modalidade. É importante que se busque entender claramente quais fatores podem influenciar positiva ou negativamente a popularização da modalidade, dessa forma as instituições responsáveis pela promoção e organização dos principais eventos, podem contar com essas informações que são valiosas quando se pensa em estratégias para o desenvolvimento pleno da modalidade como um todo, considerando a sua popularidade, visibilidade, capacidade de organização de eventos, e monetização. Essa investigação visa conhecer de forma ampla o cenário do futevôlei principalmente no território nacional e entender quais são os desafios dessa prática que se tornou um esporte institucionalizado relativamente a pouco tempo, buscando elementos que possam auxiliar o desenvolvimento da modalidade em diversos fatores, como divulgação, popularização, organização de eventos, entre outras tantas possibilidades. Como ainda se tem muito pouca literatura na área, optou-se pela seguinte estratégia: foram estudadas as modalidades que ingressaram na lista dos jogos olímpicos em suas duas últimas edições, Rio 2016 e Tóquio 2020. Entendendo que essas modalidades e, principalmente suas instituições, podem ser vistas como modelos de organização e sucesso quanto a quantidade de praticantes no cenário mundial. Sobre a modalidade propriamente, trabalhamos alguns aspectos considerados os mais importantes: As organizações responsáveis pela organização do futevôlei no Brasil e no mundo, apesar da baixa quantidade de informações disponíveis. A bola que é o principal elemento do jogo, e carrega características bastante importantes e particulares. Os aspectos técnicos e táticos do jogo que podem influenciar bastante na forma que a modalidade pode ser pensada e trabalhada, principalmente no ambiente de iniciação. A ocupação dos espaços públicos para a prática da modalidade, que se dará de forma totalmente diferente nas cidades litorâneas quando comparadas as que não estão na costa. E por fim sobre as possíveis adaptações que devem ser consideradas e trabalhadas principalmente nas cidades longe do litoral.

Palavras chave: futevôlei, modalidade, jogos olímpicos.



ABSTRACT

Footvolley is an originally Brazilian sport that has grown significantly in the last few years in relation to the number of practitioners and visibility of events, despite little academic interest in the sport. It is important to seek to clearly understand which factors can positively or negatively influence the popularization of the sport, so that the institutions responsible for the promotion and organization of the main events, can count on this information that is valuable when thinking about strategies for the full development of the sport. modality as a whole, considering its popularity, visibility, ability to organize events, and monetization. This investigation aims to get to know the footvolley scenario mainly in the national territory and understand what are the challenges of this practice that was sports for a short time, looking for elements that can help the development of the modality in several factors, such as dissemination, popularization, organization events, among many other possibilities. As there is still very little literature in the area, we opted for the following strategy: the modalities that entered the list of Olympic games in their last two editions, Rio 2016 and Tokyo 2020, were studied. Understanding that these modalities and, mainly, their institutions, can be seen as models of organization and success in terms of the number of practitioners on the world stage. On the modality itself, we worked on some aspects considered the most important: The organizations responsible for organizing footvolley in Brazil and in the world, despite the low amount of information available. The ball that is the main element of the game, and carries very important and particular characteristics. The technical and tactical aspects of the game that can influence a lot in the way that the modality can be thought and worked, mainly in the initiation environment. The occupation of public spaces for the practice of the sport, which will occur in a totally different way in coastal cities when compared to those that are not on the coast. And finally about the possible adaptations that should be considered and worked on mainly in cities far from the coast.

Keywords: footvolley, modality, olimpic games



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
2.1. Objetivo Geral	2
2.2. Objetivo Especifico	2
3. DESENVOLVIMENTO	3
3.1. Confederação Esportiva.....	4
3.2. Futevôlei: Técnica x Tática	7
3.3. A Bola	9
3.4. O Futevôlei e a ocupação dos espaços públicos.....	12
3.5. Adaptações.....	14
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	16
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
5.1. Estruturação das Modalidades Esportivas	17
5.2. Rio 2016	19
5.2.1. Badminton.....	19
5.2.2. Hóquei sobre grama	20
5.2.3. Golfe	21
5.2.4. Rugby	22
5.3. Tóquio 2020.....	23
5.3.1. Karatê	23
5.3.2. Baseball/Softball	24
5.3.3. Escalada.....	25
5.3.4. Basquete 3x3.....	25
5.3.5. Skate	26
5.3.6. Surfe	28
5.4. A Relação do Basquete 3x3, Surfe e o Futevôlei	30
6. CONCLUSÃO.....	33
7. REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

Não se tem uma informação precisa sobre a data da invenção do futevôlei. No entanto, pesquisando sobre o assunto é possível afirmar que essa prática começou por volta dos anos 60 nas praias do Rio de Janeiro e tem como um de seus idealizadores o esportista Otávio Moraes conhecido como Tatá, inicialmente jogado em Copacabana por ser na época a praia mais equipada com redes de vôlei e traves de futebol, nas quais, uma quadra poderia ser improvisada ao redor. Em 1965 o jogo se tornou popular também na praia de Ipanema praticado por jogadores e ex-jogadores de futebol que se viram seduzidos por essa nova “brincadeira”, e com a rivalidade existente entre as duas praias, se fez necessária as primeiras discussões sobre as regras, para que uma vez unificadas, pudessem começar a organizar campeonatos entre os praticantes das duas praias. (CEGB, 2020). O jogo passaria posteriormente por outras alterações até que na década de 1990 surgiram as primeiras associações e instituições estaduais, dando início a organização do esporte formal como conhecemos hoje em dia. A partir do ano de 2002 é organizado o circuito brasileiro de futevôlei masculino principal, ajudando a expandir a modalidade para outras capitais brasileiras, em geral nas regiões litorâneas. No ano de 2006 a confederação brasileira de futevôlei oficializou também as competições femininas e de categoria de base (sub 17 inicialmente), sendo a primeira edição realizada na cidade de Goiânia (GO) (FPFv, 2020).

Sabendo das particularidades presentes nos esportes praticados na areia, não é difícil que o futevôlei esteja por vezes relacionado com praticantes originalmente da modalidade futebol, da mesma forma que o vôlei de areia está relacionado com o vôlei de quadra convencional. Talvez por causa do grande distanciamento entre as regras das duas modalidades, as federações de futebol e futevôlei nunca estiveram próximas da forma que aconteceu com o vôlei de areia, a qual teve sua origem dentro da própria Federação Brasileira de vôlei convencional de quadra. Esse fato aparentemente simples pode influenciar bastante na disseminação do esporte por outras partes do território nacional. Uma vez que a organização de eventos, campeonatos, cursos para capacitação de profissionais, entre outros aspectos, poderiam ser potencializados por uma organização mais abrangente e qualificada, principalmente nas cidades distantes do litoral, que não têm tradição na modalidade, nem a facilidade proporcionada pela abundância de locais para prática da modalidade

encontrada nas cidades próximas da costa.

A palavra desenvolvimento, presente no título do trabalho aparece num sentido amplo, a evolução da modalidade como um todo. No que diz respeito a capacidade das entidades responsáveis pela organização do esporte de pensar estratégias a serem adotadas para que objetivos concretos possam ser alcançados. Como a organização de campeonatos bem estruturados, eventos para capacitação de profissionais que vão atuar diretamente na área, preocupação com o esporte de participação que é um ajuste fundamental para que a modalidade tenha impacto mais significativo sobre a população. Bem como a possibilidade de maior captação de recursos financeiros para investimentos na própria estrutura esportiva, construção e manutenção de centros esportivos, entre outros. Chamaremos de desenvolvimento todo esforço feito nesse sentido de tornar a modalidade cada vez mais popular e interessante aos espectadores e praticantes.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

A justificativa para essa investigação está no fato do futevôlei ser um esporte originalmente brasileiro e mesmo assim pouco disseminado a nível nacional (longe das cidades litorâneas), e muito pouco estudado em seus variados aspectos. Tanto em sua pedagogia na iniciação esportiva, quanto a aspectos voltados para o alto rendimento como pesquisas complexas sobre a análise dos movimentos executados no jogo, por exemplo.

A proposta deste estudo é fazer uma análise de como esse esporte se desenvolveu ao longo dos anos, além da configuração de sua confederação desde o surgimento. Traçando uma comparação dos mesmos aspectos em confederações de outras modalidades esportivas, principalmente com as inseridas nas duas últimas edições dos jogos olímpicos, Rio 2016 e Tóquio 2020¹.

2.2. Objetivo Específico

A baixa quantidade de estudos sobre a modalidade pode refletir em alguns

¹ Sobre os jogos olímpicos de Tóquio, adotamos a nomenclatura utilizada desde a candidatura da cidade cede para os jogos, (Tóquio 2020) embora o evento não tenha acontecido na data oficial em razão da Pandemia de Covid-19. A previsão é que o evento aconteça entre julho e agosto do ano de 2021.

aspectos que poderemos observar e tratar detalhadamente durante essa investigação. É difícil imaginar que uma modalidade pouco conhecida e estudada como o caso do futevôlei, esteja presente em um possível currículo escolar por exemplo, ainda mais num contexto em que poucas escolas, públicas ou particulares, contam com uma quadra de areia equipada com rede. Dificilmente alguma escola ou professor de educação física optaria por trabalhar com uma modalidade em que adaptações terão que ser feitas, na ausência de uma produção acadêmica que contemple ou auxilie o professor nesse possível conteúdo.

Conteúdo esse que já é de alguma forma trabalhado em todos os contextos que envolvem o futebol, pelo fato de o futevôlei ter como grande princípio a obrigatoriedade de se manter o controle da bola, impedindo que esse toque o chão. A brincadeira de controlar a bola dessa maneira acontece em todos os ambientes do futebol, seja com crianças em aulas de iniciação, entre amigos que se encontram para a prática do esporte, até mesmo atletas profissionais que divulgam em suas redes sociais ou dos clubes que defendem, vídeos em que essa brincadeira acontece em determinados momentos do treinamento, ou seja a grande maioria das pessoas que pratica, ou já praticou futebol esteve envolvido em alguns momentos com essa situação característica do futevôlei, controlar a bola sem deixar que essa caia no chão. Como demonstra Scaglia (2003) em seu estudo “o futebol e os jogos/brincadeiras com os pés: todos semelhantes, todos diferentes”.

3. DESENVOLVIMENTO

O futevôlei é um esporte novo quando comparado aos esportes coletivos tradicionais mais praticados, é natural que leve um tempo para se firmar como modalidade altamente praticada. No entanto, um fator que pode influenciar negativamente o desenvolvimento do esporte, principalmente nas cidades distantes do litoral é a sua própria quadra, uma vez que a peculiaridade do solo acaba influenciando em toda a dinâmica do jogo. Observaremos que a chave para impulsionar a prática deste esporte está na adaptação, tanto da quadra de jogo quanto dos materiais utilizados. Pensando que nas cidades do interior, a disponibilidade de quadras de areia próprias para a prática de vôlei ou futevôlei equipadas com rede e marcação são muito raras nos espaços públicos. Quando se buscam estratégias para a popularização de uma modalidade esportiva, a falta de locais próprios para a prática em espaços públicos é uma dificuldade enorme, não permitindo o acesso de muitas

possíveis praticantes ao ambiente esportivo, diminuindo o número de praticantes tanto ao nível amador quanto em alto rendimento. As adaptações devem ir além da quadra, uma vez que as redes e principalmente a bola específica da modalidade não são baratas, tornando a modalidade ainda menos acessível para a toda a população.

Se trata de um esporte que os praticantes iniciam de forma tardia quando comparado a outras modalidades, isso se dá por alguns motivos. A dificuldade técnica de seus movimentos é um deles. Os esportes possuem características que podem tornar a sua prática (principalmente iniciação esportiva) mais fácil ou mais difícil (simples ou complexa), por exemplo a limitação do número de toques na bola, das partes do corpo que podem entrar em contato com a bola, ou até mesmo possibilitando, ou não a manutenção da posse de bola por determinado tempo. Por exemplo, a regra do futebol limita as partes do corpo do atleta que podem entrar em contato com a bola, mas não limita o número de toques que estes poderão utilizar em uma jogada. Já a regra do vôlei não impõe limites ao atleta quanto a parte do corpo que deve tocar a bola, porém esse deve respeitar o número máximo de toques que a equipe pode dar na bola em cada jogada. A regra do futevôlei impõe aos seus atletas limites nestes dois aspectos, número de toques (três), e quanto aos membros do corpo utilizados, tornando os movimentos característicos do jogo bastante específicos e com uma dificuldade de execução elevada. Os golpes para que sejam efetivos para um bom desenvolvimento do jogo devem ser bastante precisos e no caso da recepção e levantamento requerem também uma grande potência, para que a bola ganhe uma altura adequada, e proporcione ao companheiro de equipe mais tempo para que este prepare o próximo gesto técnico.

Outra dificuldade encontrada está no possível desconforto inicial da prática. O atrito causado na pele pelos fortes golpes na bola, somado a presença da areia também podem ser complicadores no momento de iniciação, principalmente para os mais novos. A prática pode ser desconfortável e dolorosa nas primeiras experiências, principalmente com a modalidade em sua forma natural, sem nenhuma adaptação quanto as regras, ou materiais utilizados.

Para se entender o processo de promoção de uma modalidade esportiva em determinada região é interessante que se conheça quais são as instituições responsáveis pela organização do esporte. No Brasil a maioria das modalidades são organizadas de forma geral por suas confederações nacionais, e regionalmente por instituições denominadas federações ou associações. Como o presente estudo não

pretende separar as regiões especificamente, as atenções serão voltadas a nomenclatura das instituições nacionais, as confederações.

3.1. Confederação Esportiva

(OXFORD LANGUAGES)

JURÍDICO (TERMO) POLÍTICA

associação estável de Estados soberanos ou de Estados nacionais que, no interesse comum, põem-se sob a dependência de um governo central, conservando, porém, a sua autonomia em outros domínios.

"C. Helvética"

2. POR EXTENSÃO

associação de Estados, de cidades ou de pessoas em defesa de uma causa determinada (política, religiosa etc.) ou em defesa de interesses permanentes de ordem mais geral.

"a C. dos Tamoios"

3. POR EXTENSÃO

grupo nacional formado para defesa de interesses comuns de associações ou federações profissionais, sindicais, religiosas, desportivas etc., estaduais ou locais.

"C. Israelita do Brasil"

As confederações esportivas são associações organizadas nacionalmente com o objetivo defender os interesses comuns a outros grupos menores, chamados de Federações esportivas. Ou seja, cada modalidade esportiva conta com uma entidade reguladora estadual, geralmente chamada de federação estadual, ao mesmo tempo que existe uma entidade reguladora nacional, conhecida como confederação nacional.

A confederação Brasileira de Futebol (CBF) coloca como seu principal objetivo a promoção dessa prática esportiva no Brasil. O início das atividades em 20 de agosto de 1916 foi como parte integrante da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade comprometida com o desenvolvimento esportivo geral no país. Apenas em 24 de setembro de 1979 foi institucionalizada a CBF, o motivo foi um decreto da (FIFA), Fédération Internationale Football Association, maior e mais



importante órgão da organização internacional do esporte, que determinava entre outras coisas, que as entidades nacionais ligadas ao esporte deveriam ter dedicação exclusiva ao desenvolvimento do futebol. A partir dessas mudanças a CBF aumentou a sua gama de atividades, tornando-se responsável pelo planejamento, coordenação e execução dos principais campeonatos nacionais, masculinos, femininos, profissionais e das categorias de base. Totalizando 17 campeonatos ao longo do ano sob responsabilidade dessa entidade. A CBF administra também todas as seleções nacionais de futebol, masculino e feminino adulto, além das categorias de base (CBF, 2020).

A Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) teve sua origem em 16 de agosto de 1954 também se tornando independente depois de anos vinculada à CBD. Devido aos bons resultados internacionais tanto nas quadras quanto na modalidade vôlei de areia, a CBV receberia da Federação Internacional de Voleibol, menos de meio século antes da sua criação, em 1999 o título de mais bem-sucedida federação de voleibol do mundo.

A CBV passou por duas importantes mudanças ao longo de sua história, a primeira aconteceu na década de 70 quando o então presidente Carlos Arthur Nuzman unificou a organização e o marketing esportivo na confederação, entendendo que o esporte poderia se popularizar com maior intensidade. A segunda importante mudança veio em 1997 com a posse de Ary Graça Filho na presidência, trazendo um conceito empresarial para organização do esporte, administrando a confederação como uma empresa, considerando o esporte como um verdadeiro produto, os torcedores e público em geral como clientes, e as federações estaduais e prefeituras como parceiras. Um dos principais produtos considerado como conquista desse novo padrão de organização é a consolidação do Centro de Desenvolvimento de Voleibol (CDV) localizado em Saquarema, litoral norte do Rio de Janeiro, Cede de treinamento de todas as seleções de voleibol brasileiro, masculino, feminino e as categorias de base. Fato que proporciona maior interação entre as comissões técnicas potencializando o desenvolvimento dos atletas e projetos (CBV, 2020).

A Confederação Brasileira de futevôlei CBFv é uma entidade muito mais nova e naturalmente ainda não se estruturou como as citadas anteriormente. Fundada em 1998 com cede em Goiânia-GO mesmo local da cede do primeiro campeonato organizado no mesmo ano, a confederação brasileira não tem um site oficial, por exemplo, as poucas informações divulgadas são feitas por meio de seus perfis em



redes sociais.



Na minha opinião o fato de o futevôlei não ser esporte olímpico, somado a sua pouca popularidade no contexto esportivo mundial, contribuem para que a confederação não seja amplamente estruturada, não havendo grande necessidade de preocupação nesse sentido. Uma vez que a principal função da confederação Brasileira é a organização da competição nacional oficial de futevôlei, que acontece em etapas e tem o nome de Circuito Brasileiro de Futevôlei. As etapas acontecem em diversas localidades em todo o território nacional, com maior frequência em cidades litorâneas.

As entidades estaduais por sua vez ficam responsáveis pelas estratégias de melhor aproveitamento do esporte dentro do próprio território, além de serem responsáveis pela organização de competições, eventos de divulgação, workshops, etc. Por vezes levam o nome de Federação como no caso da Federação Paulista de Futevôlei FPFv, em outros casos a nomenclatura sofre alteração como no caso da Associação Carioca de Futevôlei ACF, mas os objetivos e responsabilidades são semelhantes.

No ano de 2002 foi fundada a federação internacional de futevôlei – FIFV, sendo o esporte oficializado no ano seguinte com a realização da primeira competição internacional em Atenas (Grécia). O evento contou com a participação de 18 duplas no total, envolvendo 14 países: Alemanha, Áustria, Brasil, Canadá, Espanha, Grécia, Holanda, Itália, Noruega, Polônia, Portugal, Suíça, Tailândia e Uruguai.

Se trata de uma Federação internacional ainda muito nova e pouco desenvolvida, quanto a produção de conteúdo para rede social ou o próprio site oficial, não há muito movimento no sentido de promoção, divulgação ou até mesmo tentativa de tornar a modalidade de fato mais internacional. As competições internacionais acontecem com baixa divulgação, mesmo no Brasil que é o país onde o esporte nasceu e tem com certeza maior representatividade em todo o mundo.

3.2. Futevôlei: Técnica x Tática

De maneira geral pode se dizer que o futevôlei é uma mistura do futebol com o vôlei, sendo que a regra permite que o contato com a bola seja feito com qualquer parte do corpo com exceção das mãos e braços assim como no futebol, mas não é permitida a manutenção da posse da bola pelos jogadores, assim como no vôlei. A quadra de jogo, o número de toques da bola, e o objetivo que é fazer com que a

bola caia no chão da quadra adversária, são regras características também do vôlei.

Sendo assim, concluímos que a parte técnica dessa prática tem muito mais proximidade com a técnica também presente no futebol. Os gestos de domínio, passe e finalização (principalmente com a cabeça), estarão relacionados com os gestos de recepção, levantamento e finalização no futevôlei. A mecânica dos movimentos será evidentemente distinta nos dois esportes, mas é possível fazer essa relação.

Por outro lado, o aspecto tático do futevôlei está muito mais relacionado com o vôlei, quanto ao posicionamento nos momentos defensivos e ofensivos, as diferentes estratégias para se fazer um ponto, a leitura corporal dos oponentes em diferentes situações, entre outros diversos detalhes.

Analisando os grupos de praticantes amadores de futevôlei, e pesquisando um pouco dos históricos dos atletas profissionais da modalidade, é fácil perceber que estes estão ou, no passado estiveram relacionados com o futebol muito mais do que com o vôlei. Então trazem uma bagagem de experiências corporais com características do futebol, o que é positivo para a prática de futevôlei quanto a sua técnica. Porém, na iniciação, apresentam pouca familiaridade com os aspectos táticos presentes no vôlei. Esse é um ponto importante para os educadores que forem trabalhar com essa modalidade prestarem bastante atenção.

Exemplificando a situação, o praticante em fase de iniciação se interessa em aprimorar os aspectos técnicos em um primeiro momento, até porque por se tratar de uma modalidade em que os movimentos devem ser bastante precisos, na qual cada erro significa automaticamente um ponto para a equipe adversária, além de interromper de forma temporária a dinâmica da partida, a técnica se torna vital para que o jogo aconteça de forma fluida. Por outro lado, o profissional que acompanha um grupo nessa prática deve orientar sobre os aspectos táticos do jogo, que por vezes será um tema novo para aquelas pessoas.

As grandes diferenças encontradas pelos praticantes em iniciação que têm histórico com a prática de futebol começa com nomenclaturas: saque, recepção, levantamento, finalização, diagonal, paralela, curta, longa, entre outras expressões utilizadas nessa prática, não estavam presentes na modalidade que estavam acostumados.

O saque por exemplo, é um fundamento essencial para o desenvolvimento do jogo, os praticantes de vôlei estão acostumados com a presença desse aspecto, em cada momento e situação da partida pode-se optar por determinado tipo de saque.

Ato conhecido como “forçar o saque” é uma estratégia para que a equipe adversária tenha dificuldade em fazer a recepção, por outro lado, a chance de errar o golpe também aumenta. Optar por um movimento mais conservador pode garantir que o atleta não erre o saque, no entanto a recepção adversária será facilitada. O posicionamento da equipe adversária no momento também irá influenciar a forma como o jogador irá sacar, assim como conhecendo o adversário, pode-se ter ainda mais opções: sabendo que o atleta é destro, tenta-se sacar na direção da perna esquerda para dificultar ainda mais a recepção, ou ainda, sabendo de uma dificuldade específica, por exemplo a recepção com a cabeça, saca-se uma bola mais longa, obrigando o adversário recepcionar a bola com um membro que não é sua especialidade.

Toda essa gama de análises e estratégias possíveis para o exemplo do saque é muito sutil, acontece muitas vezes em frações de segundos no alto rendimento, e também deve aparecer nos ambientes de iniciação.

Outro fundamento presente no futevôlei que tem característica totalmente presente no vôlei e ausente no futebol é o levantamento. Certamente haverá momentos que no futebol também acontecerão passes feitos com os pés, ombros, peitoral e cabeça que poderão proporcionar o arremate de um companheiro de time e se assemelhem visualmente a um levantamento, mas não é a mesma coisa quando comparado ao vôlei, onde o levantamento é um fundamento altamente trabalhado, estudado e treinado. A prova da importância desse fundamento é que no vôlei de quadra existe no time um jogador cuja função é majoritariamente executar as ações de levantamento.

Os pequenos detalhes de ajustes corporais importantes feitos no momento dessa ação tanto pelo atleta que irá realizar o levantamento, quanto quem irá finalizar a jogada, são características muito presentes no vôlei e que são aprimoradas de acordo com o tempo. Por exemplo o posicionamento em relação ao companheiro de equipe, em relação à bola, em relação à rede, em relação aos adversários, tudo ajustado em um espaço muito curto de tempo, é muito complexo e requer um certo tempo para que os praticantes se acostumem.

Sobre um aspecto da psicologia do esporte vale ressaltar que o nível de concentração dos praticantes deve se manter muito alto durante todo o decorrer da prática, seja um treinamento ou o próprio jogo em si. A psicologia se faz muito importante uma vez que durante uma partida de futevôlei, a grande maioria dos erros

cometidos por um atleta, resulta automaticamente em um ponto para a equipe adversária. Essa característica está presente também no vôlei, mesmo que em menor proporção, os erros costumam acarretar um ponto para a equipe adversária, a proporção será menor pelo fato de no vôlei, existirem mais atletas em cada equipe que podem ajudar o colega de equipe em um possível erro. Já no futebol isso não acontece, são poucos os erros causados por um jogador durante a partida que irão resultar em um ponto para a equipe adversária, além dessa relação não ser totalmente direta em muitos dos casos. Por exemplo no futebol, um passe errado no campo de defesa, poderá gerar uma ação ofensiva facilitada para o adversário e essa resultar em um gol. Existe uma relação entre o erro de passe e o gol, mas não é totalmente direta. Já no futevôlei, se o jogador errar totalmente um fundamento considerado um passe (recepção e levantamento), e o companheiro de time não conseguir executar uma ação que corrija tal erro, o adversário marcará um ponto automaticamente.

Fica claro então que a questão tática da modalidade é majoritariamente derivada do vôlei e naturalmente do vôlei de praia, esportes que a grande maioria das pessoas que procuram o futevôlei não tiveram um contato mais profundo. Podendo então apresentar dificuldades num primeiro momento para se adaptarem a um novo contexto tático que os praticantes de vôlei já conhecem.

3.3. A Bola

Sobre a bola de futevôlei, podemos ressaltar algumas observações interessantes. Em quase todas as modalidades as bolas são produzidas por diversas marcas esportivas diferentes, além disto, nas competições oficiais, as confederações/federações escolhem uma marca e modelo específico de bola que será utilizado durante todo o torneio. Em geral no histórico de outros esportes, os torneios acabam acontecendo com bolas e marcas distintas umas das outras, já no futevôlei, todas as competições oficiais acontecem sempre com o mesmo modelo e marca de bola, A Mikasa FT-5.

Não se tem um estudo específico sobre bolas de futevôlei, tão pouco é o objetivo central desta investigação, porém são necessárias algumas colocações. As bolas produzidas para a modalidade levam em consideração a maciez e resistência, fatores importantes quando avaliamos o contato entre corpos, neste caso em específico estamos falando sobre uma colisão elástica, onde não temos perda de energia e toda a energia do momento da colisão é mantida. Quando ocorre a colisão

do corpo com a bola à mesma se deforma, acumulando energia e em seguida volta a forma original liberando esta energia.

A Mikasa FT-5 tem uma tecnologia avançada tornando seu coeficiente de restituição propício para a modalidade, ou seja, ela consegue propagar uma quantidade de energia ideal. Comparando algumas marcas de bolas de futevôlei, percebe-se que as mesmas possuem peso e coeficientes de restituição diferentes, sendo a Mikasa FT-5 uma das mais pesadas e com melhor desempenho. Essas particularidades fazem diferença no decorrer do jogo, principalmente na iniciação nos movimentos com o peito, uma vez que é mais difícil colocar potência no golpe utilizando o peitoral do que nos golpes feitos com os pés ou com a cabeça por exemplo. O coeficiente de restituição é essencial para que o jogo aconteça de forma plena, sendo que grande parte dos levantamentos são executados com o peitoral, dependendo do coeficiente de restituição do material muitas vezes a bola não atinge a altura ideal para o ataque. O fato de os modelos de bolas de outras marcas possuírem coeficientes de restituição menores acaba influenciando na dinâmica do jogo, e pode ser um dificultador na iniciação, pensando que por vezes o atleta pode estar fazendo o gesto técnico correto e mesmo assim a bola não ganhará altura devida.

O preço das bolas específicas para o futevôlei são elevados e não sofrem muita variação entre as diferentes marcas, fator que implica na opção de escolha da Mikasa Ft-5, além do fato da mesma ser a bola oficial de todos os torneios da modalidade e possuir um alto desempenho. Podemos observar seu uso na maioria das vezes em que o esporte é praticado, no alto rendimento ou na iniciação, em centros esportivos voltados à modalidade ou jogos casuais entre amigos, comprovando assim o favoritismo expressivo pelo modelo.

Outro detalhe interessante é que essa marca possui apenas três modelos de bola para o futevôlei, a Mikasa FT-5 que é a oficial de todas as competições tamanho adulto. A mikasa FT-4 que é um pouco menor, mas mantém as mesmas características, indicadas para as categorias femininas e infantil. E a Mikasa FT-S que é do mesmo tamanho da bola oficial, porém um pouco mais macia, indicada para iniciação ao esporte, momento em que os golpes na bola pesada junto ao atrito causado pela areia na pele podem ser desconfortáveis ao praticante, as particularidades desse modelo minimizam esses possíveis problemas. Os três modelos de bola têm pesos e tamanhos muito parecidos, não existindo uma opção



muito menor e mais leve.

Em outubro de 2019 ocorreu em Porto Alegre a primeira etapa do Mikasa Open de Futevôlei, um torneio organizado pela empresa de materiais esportivos. O interesse em realizar um campeonato que leva o nome da marca está certamente relacionada com o marketing da mesma, divulgação e afirmação num mercado em que já ocupa uma posição de grande importância. Vale ressaltar que essa etapa contou com competição apenas na categoria profissional, além de workshops sobre o esporte e outras formas de interação entre atletas e o público. Já na segunda etapa, realizada em novembro de 2019 na cidade de São Paulo, o evento foi mais representativo, contando além da competição entre os profissionais, outras 7 categorias: mista ouro e mista prata, master, open, amador “A” e amador “B”, e sub-15.

Essa grande mudança na estrutura do evento mostra que a empresa está atenta as opções que o mercado pode proporcionar, além dos atletas profissionais, muitas outras pessoas podem estar interessadas em praticar essa modalidade e naturalmente consumir os produtos da marca. Desde participantes com idade inferior a 15 anos na categoria sub-15, até os com idade superior a 40 anos no grupo master, além da importante iniciativa de dar visibilidade as mulheres que praticam o esporte, mesmo não contando com uma categoria exclusiva, foram representadas na disputa entre duplas mistas, as quais deveriam ser formadas por um homem e uma mulher.

Ainda no ano de 2019 em dezembro na cidade de Niterói-RJ ocorreu a terceira etapa do evento, em outro formato que também contava com outras categorias além do profissional masculino (MIKASA OPEN, 2020).

Fica claro então o interesse da marca em se colocar de forma dominante no mercado do futevôlei, organizando campeonatos que levam o seu nome e contam com a participação dos principais atletas do país. Uma observação importante é que mesmo sabendo dessa grande influência na modalidade a Mikasa não se preocupou até o momento em desenvolver bolas específicas para a iniciação esportiva, de tamanhos menores, mais leves, materiais mais maleáveis e etc. Fato que sugere que não é um produto que teria de fato grande procura, as pessoas não estão sentindo falta desse produto, porque se estivessem com certeza a Mikasa não deixaria de aproveitar essa oportunidade de mercado.

A ausência de produtos relacionados a futevôlei voltados ao público mais jovem ou infantil, é um dos fatores que pode indicar que esse é realmente um esporte

3.4. O Futevôlei e a ocupação dos espaços públicos

A discussão sobre a ocupação dos espaços públicos para a prática esportiva é um assunto amplamente discutido a anos, sobre o caso do futevôlei nessa situação a primeira coisa a se observar é algo muito evidente. Quanto a possíveis locais públicos que possam ser aproveitados para a prática desse esporte, se deve fazer uma distinção óbvia em cidades que estão próximas ao litoral, e cidades que estão distantes do litoral. Uma vez que nas cidades da costa, as praias se tornam opção majoritária de local dessa prática, como retratado por Borges (2015). A praia é um potencializador da modalidade proporcionando um amplo espaço público no qual o solo é totalmente adequado para a prática. Sendo assim nossa análise será voltada para a ocupação dos espaços longe das cidades litorâneas. Nestas, encontraremos poucos espaços públicos que estão equipados com quadras de areia para a prática de vôlei de areia ou futevôlei.

O que acontece é que nessas cidades, o futevôlei assim como o vôlei de areia são esportes praticados quase que exclusivamente em espaços privados. Clubes esportivos e sociais, escolinhas voltadas para essas modalidades, ou condomínios residenciais que muitas vezes possuem quadra de areia. Vale ressaltar que na maioria das vezes os espaços que proporcionam aulas de futevôlei, vôlei de areia e beach tênis, disponibilizam o espaço das quadras para locação aos alunos ou outros praticantes amadores das práticas. Podemos dizer que nas cidades longe do litoral estes esportes tem um limitante econômico no seu desenvolvimento, uma vez que não estão disponíveis para toda a população. Nogueira (2015) em sua pesquisa resalta a grande diferença que a proximidade com o litoral causa na quantidade e variedade de espaços públicos disponíveis para práticas esportivas e de lazer na cidade de Vitória-ES. E como esse fato impacta na relação dos habitantes que ocupam esses espaços, como se organizam, como relacionam uma atividade esportiva com outras possíveis atividades nestes lugares.

O futevôlei atualmente é um esporte praticado por pessoas com boa condição financeira nas cidades distantes do litoral, deixando assim fora da possibilidade de acesso grande parte da população, principalmente os jovens e crianças das camadas mais pobres. Justamente pessoas que teriam grande possibilidade de aprender essa prática tão prazerosa como uma opção de lazer e

reunião da comunidade. Na minha visão, essa elitização do jogo desestimula o desenvolvimento da modalidade e aumento de sua popularidade de diversas formas.

A primeira e mais direta está no número de praticantes reais em relação ao número de possíveis praticantes que nunca tiveram acesso por diversos motivos. Num segundo momento, podemos relacionar essa elitização do esporte com o início tardio dos praticantes na modalidade, uma vez que jovens e crianças de classe pobre terão poucas oportunidades de contato com a prática, porém quando ganham certa maturidade e começam a trabalhar, motivados pelo interesse da proximidade da modalidade com o futebol, que é o esporte mais popular do país, essas pessoas podem se interessar em conhecer o futevôlei, e nesse caso estariam começando uma nova modalidade já próximos da idade adulta, essa característica interfere na maneira que a modalidade costuma ser trabalhada, pelo fato de serem completamente diferentes as dinâmicas de aulas voltadas para crianças e para adultos.

É muito difícil pensar uma popularização significativa de uma prática esportiva que em grande parte do território exclui uma parcela importante de pessoas potencialmente ativas. A possível chave para a resolução desse problema é a adaptação do jogo, quanto as suas regras, os equipamentos e principalmente a sua quadra de jogo.

Se pensa na prática esportiva há muito tempo como ferramenta na promoção de saúde para a população de maneira geral, mais recentemente começaram os estudos sobre como as práticas esportivas, principalmente coletivas, podem ter uma importante função de socialização das pessoas. Não é o objetivo desse estudo se aprofundar nas análises psicológicas existentes nas interações pessoais que uma atividade esportiva coletiva possibilita, mas não é difícil observar esse fenômeno quando se observa a convivência nesses ambientes. Nogueira (2015) em sua pesquisa, vivencia o cotidiano de dois grupos no litoral da cidade de Vitória-ES, um que se reúne para praticar futevôlei, outro que se reúne para praticar futebol, nos dois casos os relatos demonstram que os grupos se encontravam semanalmente para tal prática esportiva, mas que para os praticantes o evento era muito mais significativo do que apenas a prática do esporte em si. Os encontros eram momentos de descontração entre pessoas que por vezes se tornaram amigas por conta desse interesse esportivo, mas depois descobriam outros interesses em comum aumentando ainda mais o número de pessoas inclusas nessa rede de socialização.

Observando esse aspecto mais socializador do esporte, em que muitas

vezes a qualidade técnica e outras características próprias do jogo são deixadas um pouco de lado, aumenta ainda a preocupação com a disponibilidade de acesso a locais para a prática, uma vez que no cenário das cidades longes do litoral, em determinados momentos essa prática pode ter consequências de dessocialização. Em um exemplo prático, um hipotético grupo de amigos no qual alguns têm boas condições financeiras e outros não têm, todos se interessam em começar a praticar futevôlei, dependendo do preço da aula ou locação da quadra para a prática casual, alguns membros desse grupo estariam infelizmente impossibilitados de frequentar esse ambiente. Não só impede a socialização plena desse grupo em uma prática esportiva saudável e agradável, como implica justamente no contrário, um ambiente em que alguns do grupo têm acesso enquanto outros não podem ter.

3.5. Adaptações

Os profissionais que gostariam de trabalhar com o esporte, ou entusiastas da modalidade que queiram pensar em estratégias para a sua popularização, devem estar atentos as possibilidades de adaptação, é a principal ferramenta disponível no caso das cidades não litorâneas. Uma pesquisa realizada por Souza (2007) na cidade de Mogi Mirim, interior do estado de São Paulo, detalha algumas possibilidades de adaptações tanto para a quadra de jogo quanto aos materiais utilizados.

Nessa proposta o pesquisador utilizou três tipos de piso para a prática, a própria quadra de areia oficial da modalidade, e as propostas de adaptação nas quadras de grama e de cimento. Quanto ao material utilizado, a interessante sugestão de um kit-vôlei, equipado com corda para marcação das dimensões da quadra e uma rede desmontável cujo suporte possibilita a variação da altura da mesma, importante no momento de iniciação. Vale ressaltar a praticidade desse equipamento que é facilmente montado, desmontado e transportado para qualquer lugar. Além do preço mais acessível quando comparado aos materiais oficiais de marcação e suporte para rede. Souza utilizou a bola oficial de futevôlei para a prática nos três tipos de piso, mas salienta a possibilidade de explorar outros tipos de bolas, de outros materiais, aumentando a experiência dos praticantes expostos a diferentes estímulos.

A adaptação da quadra de jogo pode propiciar alguns fatores muito importantes tanto em relação à facilitação ao acesso dessa modalidade, aumentando as possibilidades e variedades para locais da prática, quanto ao próprio desenvolvimento de cada praticante em relação em jogo, uma vez que as quadras de

cimento e grama possibilitam a utilização de um novo recurso que não é possível acontecer na areia, que é permitir que a bola pingue no chão em determinadas atividades no desenvolvimento das aulas. Esse detalhe pode ser muito bem aproveitado principalmente em fase de iniciação ao esporte, e se tornar um grande facilitador na introdução dos movimentos característicos do esporte. O jogo pode se tornar um pouco mais lento, assim os praticantes em iniciação têm mais tempo para pensar e programar suas ações durante a partida.

Essa ferramenta pode ser utilizada não só na adaptação do jogo em si, mas também de outras diversas formas nas atividades propostas pelo educador durante uma aula ou um treinamento. Como detalhado por Souza (2007) em sua intervenção, o toque da bola no chão pode ser aproveitado de diversas maneiras quanto a flexibilização da complexidade e velocidade dos movimentos. Dessa maneira o professor consegue organizar uma progressão na dificuldade das atividades, por exemplo permitindo que a bola toque uma vez no chão antes de todos os tipos de toques que os praticantes escolham executar, e num segundo momento, permitindo que a bola toque o chão apenas antes de determinados toques na bola, com o peito ou perna não dominante por exemplo.

Dessa maneira se faz disponível uma gama muito grande de atividades e adaptações para atividades que no terreno original do esporte não são possíveis, pelo fato da bola não se impulsionar quando entra em contato com a areia de mesma forma que acontece quando entra em contato com a grama ou o cimento. É evidente que para praticantes mais experientes da modalidade essas adaptações não significam muita coisa, porém podem ser muito úteis e interessantes para praticantes em desenvolvimento. Para Scaglia (2003) conforme os praticantes adquirem maior competência sobre a modalidade, conseguem constituir condutas motoras mais adequadas a partir das ações tanto dos adversários quanto dos companheiros de equipe. Quanto maior a quantidade de situações experimentadas por um praticante de qualquer modalidade esportiva, maior serão as suas adaptações técnicas e táticas para a solução dos problemas que irão enfrentar durante a prática. Não é novidade por exemplo, a utilização de diversos tipos de bola nos treinamentos para goleiros tanto no futebol quanto no Handebol. Essa enorme quantidade de experiências que os goleiros são expostos, quanto ao material e velocidade de deslocamento das diferentes bolas, têm o intuito de gerar adaptações diversas nos movimentos desse atleta, quanto a sua precisão, velocidade de reação, adaptação rápida a possíveis

desvios, entre outras.

Como detalha Scaglia (2003) em seu estudo, os jogos e brincadeiras de bolas com os pés são em sua grande maioria adaptações ao futebol, essas práticas podem sofrer inúmeras mudanças nas regras para melhores adaptações tanto quanto ao objetivo do jogo, ao número de jogadores, e muitas vezes rotatividade de equipes. O futevôlei pode ser encarado como uma adaptação ao futebol, acompanhada de características e regras muito consagradas no vôlei convencional. Como já observamos, a brincadeira de tentar manter o controle da bola sem permitir que essa caia no chão é uma brincadeira muito constante no ambiente do futebol em todos os seus contextos, além de ser o grande princípio do futevôlei e muito mais simples que a modalidade institucionalizada.

Entendo a adaptação como fundamental na disseminação da modalidade ao nível nacional pelo fato das escolas, tanto públicas quanto particulares, em sua maioria não contarem com uma quadra de areia em suas dependências, nem nas proximidades nas cidades não-litorâneas. As adaptações quanto a quadra de jogo são necessárias para que essa modalidade possa ser inserida no contexto escolar. É na escola que as crianças têm contato com uma grande diversidade de práticas corporais por meio das aulas de educação física, essa experiência pode despertar um desejo de continuar praticando, ou curiosidade de aprender mais sobre a prática em outros ambientes. Locais estes que antes estariam restritos a ambientes privados, como escolas voltadas para a modalidade, clubes ou condomínios fechados. A partir das adaptações apresentadas nessa possível aula de educação física escolar, os alunos interessados passam a ter muito mais possibilidades, tanto a própria escola, na quadra, no pátio ou outra possível área que faça parte do ambiente escolar, quanto fora da escola, em quadras públicas, praças, bosques, campos, etc.

A capacidade de mobilização de pessoas para essa prática seria muito mais intensa e ativa, pensando que uma criança que conhece a modalidade na escola, tem contato com crianças que estudam em escolas diferentes, aumentando a possibilidade que mais pessoas tenham contato com o esporte.

Ainda sobre adaptação ao jogo cabe ressaltar o interessante trabalho desenvolvido pelo educador Bruno Rached, proprietário da escola de futevôlei Arena Barão em Campinas-SP, que em junho de 2019 promoveu um evento com a participação da equipe de futebol de amputados da Ponte Preta, esporte no qual os atletas têm um dos membros inferiores amputados. Evidentemente os atletas



amputados que já praticam futebol têm um repertório motor mais desenvolvido, facilitando um possível trânsito entre às duas modalidades. No entanto, é importante pensar na possibilidade de inclusão de todas as pessoas na modalidade, essa demonstração é com certeza significativa no sentido de inovação e aproveitamento do esporte (ARENA BARÃO, 2019).

4. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo visou entender a estruturação da modalidade do futevôlei. Esta monografia tem um caráter teórico pautado em revisões bibliográficas. A organização e elaboração de dados para esta pesquisa teve como base o estudo de Marconi e Lakatos et al. (2002) com o título de Técnicas de Pesquisa.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica onde a fonte de coleta de dados abrange toda bibliografia pública em relação ao tema deste estudo, sendo estes artigos e sites oficiais. Os dados nos proporcionam respostas às arguições, quando realizada atividade de análise e interpretação (BEST, 1972; MARCONI E LAKATOS, 2002).

No primeiro momento foram levantados dados sobre as instituições responsáveis pela estruturação do esporte, principalmente no cenário nacional. Em seguida foi analisado o impacto das especificidades da modalidade em sua estruturação. Buscou-se entender como a mesma acontece nas localidades próximas ao litoral ou não, da mesma forma como as adaptações do jogo quanto a ocupação dos espaços públicos.

No tópico seguinte entendemos a estruturação das modalidades esportivas que foram incluídas no quadro dos jogos olímpicos das últimas duas edições, visando uma comparação com a estruturação do futevôlei, procurando quais aspectos deveriam ser alterados para que a modalidade alcance uma maior visibilidade e popularidade.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1. Estruturação das modalidades esportivas

É necessário a atuação de organizações que elaborem processos de planejamento, implantação, operacionalização e controle, quando falamos de estruturação de um programa esportivo em um país. O esporte de alto rendimento em diversos países tem estrutura nos níveis municipal, estadual, federal e internacional.



A organização dos níveis municipal e estadual, ocorrem por intermédio de clubes ou entidades de prática desportiva, que são afiliadas a entidades de administração do esporte, como as ligas, as associações e as federações; já nos níveis nacional e internacional, a organização ocorre por meio de centros de treinamento e seleções nacionais, controlados por confederações, comitês olímpicos e federações internacionais (MEIRA, 2015).

O ambiente ideal para que o esporte de rendimento cresça gira em torno de aspectos do treinamento, o sistema organizacional na sociedade e condições psico-sócio-econômico (VAN ROSSUM, 2004).

É difícil mensurar o nível de desenvolvimento de uma modalidade esportiva, vários fatores podem ser levados em consideração, como por exemplo, a quantidade de praticantes da modalidade em diferentes locais pelo mundo, as receitas geradas em competições, capacidade de organizar eventos internacionais com participações significativas, entre outros.

Tendo em vista este cenário utilizaremos como base de referência para este trabalho as modalidades recém inseridas nas últimas duas olimpíadas (Rio 2016: Badminton, Hóquei sobre grama, Golfe e Rugby. E em Tóquio 2020/2021: Surf, Skate, Karatê, Escalada, Basquete 3x3 e Baseball/Softball). Entendendo que estas alcançaram um nível de impacto mundial significativo a ponto de serem inseridas no maior evento esportivo do mundo.

Os jogos olímpicos são uma tradição antiga, iniciada na Grécia por volta do ano 480 AC, suas modalidades eram atividades do período como variações de luta, corridas, tendo elementos de guerra como corridas com armaduras, entre outros.

Podemos resumir a história dos jogos olímpicos modernos a dividindo em quatro fases distintas: fase de estabelecimento de Atenas 1896 a Estocolmo 1912; fase de afirmação Antuérpia 1920 a Berlim 1936; fase de conflito de Londres 1948 a Los Angeles 1984; fase profissional a partir de Seul 1988. A fase que nos interessa é profissional, com início em Seul, na qual conseguimos visualizar os registros das atividades do COI (Comitê Olímpico Internacional) divulgados em seu site oficial.

O COI é uma organização não governamental criada na França em 1894, onde tem sua sede até hoje, responsável entre outras atividades à organização geral dos jogos olímpicos que acontecem de quatro em quatro anos em diferentes sedes por todo mundo, no qual atualmente participam 49 modalidades. Dentre suas responsabilidades o COI estuda e planeja pequenas alterações no quadro de



modalidades que disputaram os próximos eventos, alternando algumas de acordo com interesses específicos.

Vamos analisar como as modalidades recém inseridas no programa olímpico se organizaram e desenvolveram, como suas ligas e instituições internacionais alcançaram uma alta representatividade sendo reconhecidas pelo COI e tendo sua vaga garantida nas olimpíadas.

O objetivo do presente estudo é buscar entender de que maneira as instituições representantes das modalidades esportiva se organizam, utilizando exemplos de sucesso a nível internacional, para analisar o caso específico do futevôlei, um esporte originário do Brasil, que encontra dificuldades para se firmar nas cidades distantes do litoral, apesar do fato de ser considerado derivado do futebol, que é o esporte mais popular do país.

Para auxiliar essa discussão é importante uma breve análise de cada modalidade que iremos considerar no estudo, até porque elas têm características bastante diferentes quanto ao tempo de existência da modalidade e consequentemente das suas instituições nacionais e internacionais por exemplo, quanto ao público alvo que o COI busca alcançar com a inclusão da mesma, as possíveis pequenas adaptações nas regras para que seja possível a disputa da modalidade no período da competição, entre outras.

O COI costuma fazer experiências com as modalidades antes de serem incluídas no quadro oficial justamente para entender como seriam as particularidades da modalidade quanto a sua logística, de quadras, atletas, espectadores, entre outras. Mas principalmente para mensurar o impacto que o esporte pode causar nos espectadores, levando-os a consumir essa novidade de forma geral gerando receita, seja comparecendo presencialmente às competições ou adquirindo pacotes de acesso remoto as imagens e informações específicas, comprando produtos referentes à modalidade, acessórios, camisetas, etc. As modalidades aparecem como jogos de exibição ou de demonstração, na primeira os jogos são disputados, mas não ocorre uma estrutura de competição entre as equipes, já na segunda os jogos são organizados em uma forma de mini competição entre as equipes, mas não valem medalhas aos vencedores por não serem modalidades oficiais da edição dos Jogos em questão.

Começando pelas olimpíadas do Rio 2016 em que tivemos a competição de modalidades consideradas novidades, mas que já tinham uma relação com os

jogos a alguns anos, como o caso do Badminton.

5.2. Rio 2016

5.2.1. Badminton

Uma prática esportiva muito antiga com origem na Índia chamada Poona, levada para a Europa por oficiais Ingleses a serviço nesse país, o Jogo recebeu o nome de Badminton quando em 1870 passou a ser jogado em uma propriedade com esse mesmo nome em Gloucestershire na Inglaterra.

Em 1934 foi fundada a Federação Internacional de Badminton (IBF) na própria cidade de Gloucestershire, a primeira formação contava com apenas nove países membros quase todos situados na Europa, onde o esporte já havia se popularizado: Canadá, Dinamarca, Escócia, França, Holanda, Inglaterra, Nova Zelândia e País de Gales.

O Badminton apareceu algumas vezes em eventos olímpicos antes mesmo de se tornar uma modalidade oficial com disputa de medalhas, em 1974 nos jogos de Munique figurou como esporte de demonstração, algumas edições depois em Seul 1988, foi apresentado como um esporte de exibição. Para então em Barcelona 1992 entrar no quadro de modalidades oficiais, tendo algumas inclusões posteriormente como a categoria de duplas mistas. Para se fazer uma comparação, depois de se firmar como esporte olímpico a (IBF) passou a contar com mais de 130 países membros. Depois de passar algumas edições dos jogos Olímpicos fora do quadro de modalidades oficiais, voltou a ser disputada nos jogos do Rio 2016 (CBBd, 2020, badminton.org.br).

5.2.2. Hóquei sobre grama

Outra modalidade que voltou a ser oficial nos jogos olímpicos na edição de 2016 foi o Hóquei sobre Grama, obviamente que a prática de brincar com bastões de madeira e pequenas bolinhas é muito antiga e natural, sendo até difícil conhecer precisamente onde e quando começou. Em 1861 foi registrado na Inglaterra o primeiro clube de roquei sobre a grama da história, o Blackheath Hockey Club.

O esporte se popularizou nos anos seguintes principalmente em países da Europa, em 1886 sofreu uma mudança na regra que foi fundamental para o seu desenvolvimento. Houve a criação de uma área de arremesso, portanto a regra passou a determinar de qual lugar da quadra de jogo as finalizações poderiam ser



disparadas, essa novidade mudou a dinâmica do esporte, obrigando os atletas a evoluírem tática e tecnicamente o jogo passou a ser mais interessante para os espectadores.

A modalidade era tão popular no império inglês que em 1908 na edição dos Jogos olímpicos em Londres, fez parte do calendário de competições mesmo com o fato de ainda não existir uma organização internacional regulamentadora oficial. Obviamente o esporte teve dificuldades para se firmar sem essa organização nas bases do desenvolvimento e acabou saindo do programa olímpico nas edições anteriores.

A Federação Internacional de Hóquei (FIH) foi fundada em 1924 e foi importante para a afirmação da modalidade que voltou ao quadro oficial em Amsterdã 1928. Outra mudança importante na regra aconteceu em 1976 quando os jogos passaram a ser disputados em campos de grama sintético em vez dos gramados naturais, o novo solo deu uma característica mais veloz ao jogo, deixando mais técnico e atraente aos olhos do público (CBHG, 2020).

No exemplo do Hóquei sobre grama e sua relação com os jogos olímpicos observam-se alguns pontos interessantes e ressaltaremos três deles. Primeiro a força política exercida pela Inglaterra para que a modalidade, mesmo que não muito popular no resto do mundo, aparecesse na edição dos jogos que ocorreram no País, por diversos possíveis motivos como: a grande chance de ganhar medalhas na modalidade, o interesse na divulgação para todo o mundo de uma prática esportiva já consagrada na região, resultando em um possível impulsionamento financeiro voltado para a modalidade e conseqüentemente para os Países mais tradicionais, entre outros. Segundo como a organização de instituições internacionais regulamentadoras do esporte são importantes para que esses se estabeleçam de maneira definitiva. É muito difícil imaginar uma modalidade altamente praticada em diversos lugares do mundo, que não tenha interesse em se organizar a nível internacional, sabendo que é a única forma de promover o esporte em grande escala a ponto de existirem bons atletas em diferentes países promovendo e praticando a modalidade, a partir desse momento naturalmente se preocupa em organizar torneios internacionais, nos quais esses atletas poderão colocar em disputa tanto suas habilidades individuais quanto os métodos de treinamento desenvolvidos nos diferentes lugares de maneira global. Por último vale ressaltar que é natural que as modalidades passem por alterações nas regras com o passar dos anos, e como essas mudanças podem ser positivas e



significativas, tomando cuidado para não descaracterizar o jogo, é importante pensar que o esporte está em constante evolução assim como as tecnologias envolvidas das mais diversas maneiras, no caso do Hóquei foram duas mudanças importantes, a da área de finalização que mexe bastante com a dinâmica do jogo e posicionamento dos atletas, e posteriormente no solo da quadra com auxílio da tecnologia também se alterou de forma sutil a forma que o jogo se desenvolve. Durante os anos também foram alteradas as regras de contagem do tempo e duração das partidas, que passaram a ser mais curtas, facilitando a organização das competições e principalmente suas transmissões para a televisão durante os jogos olímpicos por exemplo.

5.2.3. Golfe

O desentendimento em relação as regras do jogo foi o que tirou o Golfe do quadro de modalidades olímpicas por mais de uma década, presente jogos de 1900 e 1904, ainda que com participação de poucos atletas basicamente dos EUA, Canadá e Inglaterra apenas. Nos jogos de 1908 não houve acordo entre o então Conselho Olímpico e a instituição principal do esporte na época quanto as regras do campeonato e ao formato que seria realizado, resultando na saída da modalidade da competição. O golfe voltou a ser disputado nos jogos Olímpicos de maneira oficial em 2016 no Rio de Janeiro mais de cem anos depois da última aparição, com as regras consagradas definidas pela organização internacional. As competições de Golfe atraíram bastante o público movimentando as transmissões para todo o mundo e garantindo a participação da modalidade na próxima edição dos jogos (COB, 2020).

5.2.4. Rugby

Fechando a lista de Modalidades inseridas na edição dos jogos olímpicos de 2016 está o Rugby, esporte que tem uma relação interessante com o início do movimento olímpico. Um dos fundadores do COI, o barão francês Pierre de Coubertin, acreditava na importância do esporte na formação das crianças e tinha como referência a escola de Rugby do educador inglês Thomas Arnold. Grande entusiasta da modalidade, Pierre já trabalhava com a modalidade antes mesmo da fundação do comitê olímpico, facilitando a escolha para que fizesse parte dos jogos já em sua segunda edição em Paris 1900 mesmo não sendo altamente praticado em todo o mundo naquele momento, poucas seleções participaram da competição na

modalidade nas primeiras edições disputadas.

A falta de procura do público e a pouca organização das equipes internacionais para disputa da modalidade representada sempre pelos mesmos poucos países, fez com que em 1908 o Rugby não fizesse mais parte do calendário Olímpico. As idas e vindas duraram até 1925 com a saída do então presidente do COI Pierre de Coubertin das suas funções a modalidade voltou a perder força e não voltou mais ao quadro olímpico.

Desde então por algumas vezes o Rugby foi cogitado a voltar a participar da competição, mas o esporte não contava com grande adesão das principais nações referências na modalidade, pelo receio da exposição dos jogos olímpicos modernos o que poderia resultar no profissionalismo do esporte, o que não era permitido pela organização International Rugby Board (IRB) que regulamenta o esporte no mundo todo. Mais recentemente as negociações caminharam no sentido de o esporte voltar a fazer parte da competição, o formato escolhido para fazer parte foi o Rugby seven, variação do jogo original no qual cada time tem apenas 7 jogadores, as partidas são mais curtas em tempo, além do campo de jogo também reduzido, tornando o esporte muito mais atraente para a competição aos moldes dos jogos olímpicos atual.

O Rugby seven é uma prática corporal bastante antiga, mas encarado de maneira festiva, nunca institucionalizada principalmente considerando competições internacionais. Da forma que o esporte institucionalizado como acontece atualmente é algo bastante atual, tendo início aos movimentos internacionais na década de 70, o IRB lança então em 1993 sua primeira copa de mundo de Rugby seven, visando além de promover a modalidade, organizar a entrada da mesma no programa olímpico agora nesse novo formato, estratégia que se mostrou interessante e eficiente resultando na presença do esporte nos jogos do Rio 2016 (portal do rugby, 2020).

5.3. Tóquio 2020

5.3.1. Karatê

Vamos começar a observar as modalidades incluídas nos jogos olímpicos de Tóquio 2020 pelo Karatê, uma das práticas corporais mais antigas do mundo, originária do Japão muito presente em diversas representações da cultura oriental, durante muito tempo não era institucionalizada como esporte oficialmente, o que dificultou durante muito tempo sua inclusão em grandes eventos esportivos como os jogos olímpicos. Além disso, a grande diversidade de estilos de lutas e exibições



ramificadas dentro dessa mesma modalidade também foi uma questão a ser trabalhada durante anos pelas organizações internacionais responsáveis, no sentido de entender quais eram os estilos se encaixavam melhor nos moldes das competições olímpicas, que atraíam mais participação do público, entre outras especificações.

Uma curiosidade é o fato de a modalidade ter se organizado para tentar participar dos três eventos olímpicos anteriores a Tóquio, em 2005, 2009 e 2013 as candidaturas não tiveram sucesso e a modalidade não esteve presente até 2016. Já na candidatura para os jogos de 2020 cuja sede será o país com a maior tradição nessa prática, onde nasceu todo esse movimento milenar, a presença da nova modalidade foi aprovada por unanimidade, indicando que pode existir uma questão de interesse por parte do país sede quanto as pequenas alterações no quadro das modalidades presentes em cada edição dos jogos (FPK, 2020).

Sobre a influência das instituições responsáveis pela modalidade nas questões burocráticas relativas ao esporte o karatê apresenta um exemplo interessante. Até o ano de 1996 existiam duas grandes organizações internacionais, a União Mundial das Organizações de Karatê (WUKO) e a Federação Internacional de Karatê Tradicional (ITKF), ambas com bastante representatividade, e posições diferentes sobre aspectos relacionados a mesma prática. Nesse ano as duas instituições se unificaram fundando a Federação Mundial de Karatê (WKF) passando a dialogar com mais facilidade com o COI e tendo ainda mais representatividade mundial, agora que todos os praticantes estavam unificados numa mesma organização, pautados nas mesmas diretrizes, independentemente do local que a pessoa estivesse praticando karatê.

Nesse processo de aproximação entre o COI e a WKF para que a modalidade fosse reconhecida para se candidatar a participar das edições dos jogos olímpicos, houveram debates sobre algumas regras do esporte, tanto dos movimentos utilizados nas lutas quanto as formas de pontuação, para que a prática pudesse ter um modelo menos violento em suas competições, as pequenas alterações foram positivas no sentido de não descaracterizarem de alguma forma o esporte original, além de colaborarem para uma boa aceitação do público em geral, e proteger os atletas de lesões que antes eram mais graves e frequentes entre os competidores.

Essa pressão exercida pelos países sede não é prejudicial, pelo contrário, quando feitas de forma corretamente regulamentadas, as alterações tendem a ser positivas, trazendo modalidades presentes no cotidiano da população local,



garantindo o sucesso da presença do público nos eventos destes esportes já consagrados, ao passo que outras tantas modalidades não muito populares já estarão presentes em outras diversas apresentações esportivas. No caso dos jogos de Tóquio uma das justificativas para a inclusão do karatê foi para chamar atenção do público jovem para os jogos, visto que a modalidade é bastante popular entre as crianças e jovens do país.

5.3.2. Baseball/Softball

Outra modalidade inclusa na edição de Tóquio é o Baseball que já participou de algumas edições dos jogos, e tem grande tradição no país sede. Esporte de tradição muito antiga já esteve presente no calendário olímpico como modalidade de demonstração nas edições de 1912, 1936, 1952, 1956, 1964 1984 e 1988. Em 1992 foi inclusa como modalidade oficial da competição e se manteve nessa situação até a edição de 2004 quando foi disputada pela última vez nos jogos (quadro de medalhas, 2020).

Existe uma divergência quanto a origem exata do Baseball, uma vertente acredita que o jogo é derivado de uma prática esportiva inglesa chamada “rounders”, outra que o esporte foi criado nos Estados Unidos por volta do ano 1839. Fato que sua primeira organização profissional aconteceu em 1869 chamada Cincinnati Red Stockings e dois anos depois foi fundada a Associação Nacional de Beisebol Profissional. O esporte é tradicionalmente popular nos EUA e países da América central com destaque para a Cuba, maior medalhista olímpica da modalidade, o Japão também figura entre as seleções mais fortes nas disputas. Vale ressaltar que os EUA participaram apenas na edição de 2000 permitindo que atletas profissionais fossem convocados para suas seleções justamente a única vez que ficaram com a medalha de ouro.

O Softbol foi criado por volta de 1887 nos Estados Unidos como uma variação do Baseball para se jogar em ginásios, jogado quando o clima não estava bom para a prática do Baseball de campo. O jogo possui algumas alterações simples nas regras, quanto ao tempo de jogo que é um pouco mais curto e ao espaço que também é reduzido. A bola é um pouco maior comparada ao esporte original, e a principal diferença está na forma de realizar o arremesso, que no softbol deve ser feito com o braço na direção sempre de baixo para cima, resultando arremessos mais rasteiros e menos potentes quando comparados aos do baseball. Nos jogos olímpicos



a modalidade é praticada apenas por seleções femininas, enquanto o baseball de campo apenas por seleções masculinas (COB, 2020).

Agora vamos nos voltar aos esportes que são totalmente novos no quadro das modalidades olímpicas, começando pela escalada, novidade nos jogos de Tóquio.

5.3.3. Escalada

A prática de subir montanhas é muito antiga, teve origem a milhares de anos com registros em diversas partes do mundo principalmente na Europa, mas o esporte institucionalizado é bastante recente quando comparadas as outras modalidades presentes nos eventos olímpicos, a primeira competição oficial foi disputada no ano de 1985 na Itália em rochas naturais, e a primeira competição indoor aconteceu no ano seguinte em Lyon na França.

Existem diferentes modalidades de escalada, e muitas vezes uma é bastante distinta da outra, os objetivos na prática são diferentes, a altura das paredes pode variar bastante, a velocidade e complexidade dos movimentos também são aspectos que variam bastante de acordo com a modalidade. Para que a modalidade pudesse fazer parte do evento, teve que haver um planejamento de como seria a melhor forma de promover o espetáculo mais interessante possível, para que os espectadores conheçam e se interessem por essa nova modalidade, considerando também a forma de como seria a transmissão de cada prova específica, dentre outros tantos fatores.

Para a primeira edição dos jogos Olímpicos a escalada será disputada em três disciplinas: velocidade, dificuldade e bouldering. Os atletas deverão competir nas três diferentes provas e o resultado final será calculado pelo desempenho combinado em todas as provas (COB, 2020).

5.3.4. Basquete 3x3

Novidade nos jogos de 2020 a modalidade conta com uma característica interessante, por se tratar de uma derivação simples de um esporte muito consagrado, além de uma prática recreativa muito presente em diversos lugares do planeta, a origem da institucionalização desse jogo como modalidade oficial esteve vinculada com a FIBA organização máxima do basquete mundial. É representativo o fato de uma modalidade estabelecida tão recentemente estar presente no maior evento esportivo do mundo. A presença de uma organização internacional bem estruturada facilita os



processos do desenvolvimento de uma modalidade de inúmeras formas: quanto a captação de recursos e capacitação de profissionais, quanto a divulgação e promoção do novo “produto”, na experiência do processo de organização de eventos envolvendo clubes e seleções, entre outras.

Em todo o mundo o basquete 3x3 é praticado de maneira recreativa de maneira massiva a muitos e muitos anos, é difícil imaginar que em todos os lugares as pessoas brincavam utilizando exatamente as mesmas regras e procedimentos durante as partidas. O fato da organização do basquete 3x3 estar vinculada com a FIBA desde o início, com certeza facilitou muito o processo de unificação e divulgação em larga escala das regras que seriam oficiais da nova modalidade.

O jogo é disputado com menos atletas em uma quadra de menor dimensão comparados ao basquete tradicional, o COI justifica que as regras são feitas para tornar o jogo mais rápido e empolgante, além das características bastante marcantes dentro da quadra, o esporte conta com uma atmosfera externa voltada ao público jovem, espetáculos de música e cultura urbana ambientam a parte externa das quadras, componentes que são atraentes ao público mais jovem. Essa é justamente a proposta do COI com a inclusão da modalidade nessa edição dos jogos, chamar atenção de um público de menor idade que passou a não se interessar mais tanto pelo evento com o passar dos anos.

O primeiro evento teste organizado pela FIBA aconteceu em 2007 em Macau na China, outros torneios foram organizados posteriormente até a estreia internacional nos jogos olímpicos da juventude em 2010. O sucesso da modalidade nos eventos deu bastante visibilidade e facilitou seu desenvolvimento, tornando possível que estivesse presente no maior evento esportivo do mundo apenas 13 anos depois de seu primeiro evento oficial registrado (revista confef, dezembro, 2012).

5.3.5. Skate

Fontes apontam que os primeiros skates foram fabricados artesanalmente por volta do ano de 1930 nos Estados Unidos, a ideia era poder brincar de surfar nas ruas, nos dias que o mar não estivesse com muitas ondas. Fato que fez a prática se popularizar com mais facilidade nas cidades litorâneas em um primeiro momento, os praticantes de surfe ficaram encantados com a possibilidade de praticar, de certa forma, e até treinar de maneira diferenciada a modalidade que já estavam bem habituados no mar, agora também nas ruas, nas praças, nos parques, em todos os



lugares afinal são características marcantes dessa prática corporal, a inovação e o desafio.

Até o início da década de 1970 o skate não era considerado uma prática esportiva e sim um instrumento de brincadeira, muito vinculado ao estilo de vida dos jovens que não tinham medo de se aventurar nas pranchas sobre rodas, inventando manobras e desenvolvendo diferentes maneiras de explorar o até então “brinquedo”. Mas com o passar dos anos, naturalmente a técnica foi sendo cada vez mais apurada, cada vez a gama de manobras foi ficando maior, possibilitando a organização de competições, nas quais os movimentos passaram a ter significados, nomenclaturas, pontuações de acordo com a dificuldade.

A trajetória da prática do skate teve alguns momentos históricos bastante distintos, proporcionados pelas constantes mudanças envolvendo os materiais com os quais eram fabricados. Ainda nos anos 80 pranchas com madeiras mais leves e resistentes, além do desenvolvimento do formato ideal conhecido hoje em dia que possibilita a infinidade de manobras que são realizadas. As rodinhas e seus rolamentos internos também passaram a ser fabricadas com materiais mais leves e com melhor aderência, que deixavam os skates mais rápidos e estáveis, aumentando as possibilidades de manobras e movimentos em diferentes terrenos.

Na década de 1990 o skate começou a se organizar profissionalmente com estrutura, em 1995 foi criado pela rede de canais ESPN um evento chamado X-Games, que contava com uma estrutura muito grandiosa e organizada voltada totalmente a esportes radicais, o skate esteve presente desde a primeira edição nas modalidades street e vertical. A estrutura impressionante dos X-Games ajudou a limpar a imagem destes esportes que tiveram origem vinculada com um estilo de vida rebelde, sem perder a sua identidade radical e atitude colaborativa.

Ainda no final do século para se ter uma ideia da evolução dessa prática, foi lançado o jogo de videogame Tony Hawk's pro Skater, que foi inovador no sentido de levar ao game essa nova fase do skate, mais profissionalizado e organizado com relação ao formato de competições e organização de eventos. O foi por um período o mais vendido no mundo todo, uma prática esportiva nova que levada ao mundo dos jogos eletrônicos foi capaz de movimentar mais pessoas e recursos quando comparada a esportes muito mais tradicionais tanto no campo real quanto digital como o futebol e o basquete por exemplo.

No Brasil, a confederação de Skate foi fundada em 1999 na cidade de



Curitiba/PR com a participação de seis entidades a maioria do sul do país, já no ano de 2000 a cede foi transferida para São Paulo onde permanece até hoje. Atualmente a Confederação Brasileira de Skate (CBSk) conta com dez federações e cinco associações filiadas em onze estados pelo país.

As instituições que regulam o esporte são independentes, as mais influentes do mundo são a World Cup of Skateboarding (WCS) e a Street League Skateboarding (SLS). A primeira é mais antiga, responsável pela organização dos campeonatos mundiais, que contaram com edições aqui no Brasil, e a segunda é mais recente fundada por ex-skatistas profissionais que é focada somente na modalidade street e conta com a participação dos melhores atletas do mundo todo.

Nos jogos olímpicos o skate estará presente em duas modalidades, o street que é uma pista arquitetada com elementos comuns encontrados na rua como escadas, corrimãos, rampas, etc. E o Park que é uma pista composta por apenas rampas e transições, sem os elementos extras. As duas modalidades são bastante distintas quanto à forma de se praticar e movimentos executados nas manobras, por isso cada competidor participa apenas na modalidade que é especialista (CBSk, 2020).

5.3.6. Surfe

É impossível precisar data e local do surgimento do surfe, a relação do homem com o mar é extremamente antiga, sempre tentando pensar diferentes maneiras de interagir com as ondas em todos os lugares do mundo. No peru, registros mostram que pescadores utilizavam uma espécie de canoa feita de junco, que facilitava o retorno para a costa com auxílio das ondas, prática semelhante ao princípio do esporte, estima-se que este tipo de embarcação chamada de Cabalitto de Totorá tenham de 2.000 a 3.000 anos de existência. Mas o primeiro registro oficial da prática como esporte foi feito em 1778 no Havaí, local que é considerado berço do esporte, considerado até hoje pelos especialistas um dos melhores lugares para a prática do mundo com ondas perfeitas. A geografia que favorece a prática, de certa forma favorece que o país seja uma potência no esporte, porque as crianças começam muito novas influenciadas pelos pais já praticantes, se não profissionalmente de maneira lúdica, afinal a prática tem esse caráter de diversão muito presente.

O surfe assim como skate entra no quadro de modalidades olímpicas, de acordo com o COI em uma tentativa de atrair o público jovem em maior quantidade

para o evento, são esportes que atraem esse público, e se estruturaram de forma muito organizada internacionalmente nos últimos anos.

Para se ter ideia quão recente é a transformação do surfe em uma modalidade mais estruturada quanto a competições a nível internacional, a principal entidade do esporte foi fundada em 1976 na Califórnia, a World Surf League (WSL). Que é responsável hoje pelas principais competições que acontecem com etapas em vários países, inclusive no Brasil. A confederação Brasileira de Surfe (CBS) surgiu em 1998 quando a Associação Brasileira de Surfe Amador (ABRASA), fundada onze anos antes, então se solidificou e profissionalizou (CBS, 2020).

O Brasil passou por uma situação curiosa na classificação dos atletas para a competição, por passar por um bom momento na modalidade, com muitos atletas disputando as competições mais importantes do mundo, o fato de cada país poder contar com apenas dois representantes homens e duas mulheres, acabou deixando de fora Felipe Toledo, que era quarto colocado do ranking na época, e Adriano de Souza ‘Mineirinho’ campeão mundial na modalidade.

O surfe será pela primeira vez como modalidade oficial, mas a relação com os jogos olímpicos foi importante para a história do Surfe. “Na edição de 1912, em Estocolmo, na Suécia, a modalidade ficou mundialmente conhecida, quando o havaiano Duke Kahanamoku, considerado o “pai do surfe moderno”, ganhou duas medalhas na natação e fez todos saberem que era surfista e treinou para a prova praticando a modalidade. Duke não só tornou o Havaí conhecido, como disseminou o surfe mundialmente, introduzindo o esporte na América, em 1913 e depois na Austrália em 1915, hoje considerado o país do surfe. Ele garantiu ainda mais três medalhas na natação nos jogos de 1920 na Bélgica e de 1924 na França entrando pro Hall da fama da natação e sendo um grande incentivador do surfe em todo o mundo” (COB, 2020).

Observamos algumas relações entre as modalidades estudadas, tanto as que já haviam estado presente em edições passadas dos jogos, quanto as que fizeram sua estreia no Rio ou farão em Tóquio. Todas contam com organizações internacionais muito bem estruturadas possibilitando a promoção da modalidade de diferentes formas na maior quantidade de países possível em todo o mundo. Essa promoção é importante para alavancar não só o esporte de rendimento, quanto o esporte de participação, assim os dois cenários tendem a se fortalecer mutuamente.

Quando as pessoas passam a ter mais acesso a informações de variadas fontes sobre uma modalidade esportiva, somada a possibilidade de pratica-la, cada

vez mais gente passa a pensar aquela prática de pontos de vistas diferentes, com diferentes experiências motoras anteriores, com outras possíveis adaptações práticas, e etc. o esporte tem a tendência de se tornar cada vez mais competitivo e complexo. Os atletas da elite passam a observar tática e tecnicamente os seus adversários que vieram de países diferentes, com culturas diferentes, e naturalmente formas diferentes de pensar o mesmo esporte. Essas observações podem possibilitar novas variações de treinamento por exemplo, os atletas passam a levar esses conhecimentos diversificados aos países de origem na tentativa de desenvolver ainda mais a modalidade no cenário nacional.

Nesse sentido é importante para o desenvolvimento de uma modalidade que haja uma interação positiva entre as instituições organizacionais do esporte de rendimento (mais centrais) com o esporte de participação (mais regionais). Para que os praticantes das cidades distantes dos grandes centros tenham oportunidades parecidas quanto a participações em eventos destinados as modalidades específicas.

O esporte de rendimento não se sustenta sem o esporte de participação, se as pessoas não se interessarem pela modalidade, naturalmente não irão consumi-la de maneira geral, não comprarão produtos vinculados, pacotes de transmissão, não passarão para os mais jovens o costume daquela prática e seus desdobramentos. Dessa forma a modalidade não consegue se estabelecer de maneira geral, portanto com base nos dados presentes sobre os esportes recentemente incorporados ao quadro dos jogos olímpicos, fica clara a importância de um esporte de participação bastante consagrado, característica presente em todas as modalidades estudadas.

Sabendo disso o COI consegue com essas pequenas alterações no quadro de modalidades participantes, atrair o maior número de pessoas possível para o evento, tanto fisicamente quanto espectadores remotos.

A escolha das modalidades pelo COI está principalmente relacionada a dois fatores: o primeiro é a capacidade organizacional das modalidades e suas instituições, no sentido de terem competições bem estruturadas, competitivas, atrativas para o consumo do público, boa mediação do relacionamento entre os atletas e o público, enfim todos os aspectos relacionados a organização dos eventos. O segundo fator é o engajamento que a inclusão da modalidade pode proporcionar ao evento, quanto de retorno financeiro, midiático, e de consumo isso pode gerar.

5.4. A Relação do Basquete 3x3, Surfe e o Futevôlei

Apresentadas todas as modalidades inclusas nas duas últimas edições dos jogos olímpicos, iremos nos aprofundar no estudo de duas delas, basquete 3x3 e surfe, por entender que apresentam características semelhantes às que encontramos no futevôlei. O basquete 3x3 pelo fato de ser de certa forma uma adaptação de um esporte tradicional, parecido com o caso do futevôlei que é a junção de duas modalidades também mais tradicionais. Essa ligação com outros esportes pode estar não só dentro da quadra na semelhança das regras, mas também nas instituições responsáveis pelas modalidades. E o surfe pelo fato de ser uma modalidade que teve sua origem obviamente nas cidades litorâneas, mas que acabou se tornando objeto de atenção e consumo das mais variadas formas também nas regiões centrais, desafio que o futevôlei também enfrenta. Outra característica que aproxima as modalidades é o nível de dificuldade inicial da aprendizagem, é necessário um conhecimento mínimo da técnica para que seja possível a prática. Por exemplo, uma pessoa que nunca jogou uma partida de rugby ou basquete 3x3, esportes estudados nessa pesquisa, é capaz de participar de um jogo depois de apresentadas as regras a serem seguidas, provavelmente não terão um bom desempenho, mas o jogo acontece. Já no caso do surf e do futevôlei (dentre outras muitas modalidades não retratadas nesse estudo), mesmo havendo o conhecimento das “regras” e todo o material e ambiente necessários, muitas vezes o “jogo” não acontece, é necessário o mínimo de conhecimento técnico para conseguir se equilibrar em cima da prancha numa onda, assim como pode não ser muito simples num momento de iniciação ao futevôlei que os participantes consigam obedecer às regras e desenvolver o esporte de forma plena. Obviamente essa situação não faz das modalidades mais ou menos complexas ou importantes, são apenas característica que quanto melhores compreendidas, melhores serão as estratégias para se trabalhar a modalidade no momento de iniciação esportiva.

Buscamos entender as relações políticas que existem entre as instituições responsáveis pela organização do evento e as responsáveis por cada modalidade, e evidenciar a importância de organizações bem elaboradas em suas estruturas para o desenvolvimento de uma modalidade esportiva, seja ela de qualquer origem.

O basquetebol 3x3 é uma modalidade relativamente nova na forma que é conhecida atualmente institucionalizada, e ao mesmo tempo se trata de uma prática extremamente antiga entre os praticantes de Basquete. A instituição internacional responsável pela modalidade é a FIBA, mesma consagrada pela organização e



desenvolvimento de basquete convencional. A FIBA entendeu que a prática derivada do basquete, altamente popular principalmente entre os praticantes deste era também uma potencial modalidade oficial, altamente praticada e difundida, contando com organizações e campeonatos em todo o mundo. A aceitação e implementação do esporte poderiam ser facilitadas pela proximidade com o basquete tradicional, tanto no interesse e procura dos praticantes, quanto a infraestrutura necessária, que seriam as próprias quadras de basquete já existentes que podem ser divididas em duas quadras de basquete 3x3 (BRASIL; RIBEIRO, 2020).

Analisando a característica do desenvolvimento muito veloz da modalidade, junto com a capacidade organizacional apresentada nos eventos oficiais da modalidade, como jogos olímpicos da juventude, e campeonatos mundiais por exemplo, fica muito claro que o fato da FIBA ser responsável também pelo basquete 3x3 tem influência direta na velocidade da disseminação do esporte como um todo. Os eventos contam com estrutura muito avançada quando comparados a modalidades que surgiram mais ou menos na mesma época, e não contaram com a colaboração de uma instituição internacional enorme como o caso da FIBA.

O Futevôlei ao contrário, apesar de ser a grosso modo uma junção de duas modalidades já consagradas, não se faz presente de nenhuma forma tanto nas instituições responsáveis pelo futebol, quanto pelo voleibol, nacional e internacionalmente. Pela pouca repercussão internacional da modalidade, não faria sentido realmente que estivesse sob responsabilidade de uma instituição internacional mais consagrada, mas o mesmo não acontece em território nacional, sendo assim a CBFv nasce sozinha como a maior instituição que representa o esporte no País, seguida das federações Estaduais que são responsáveis pela organização da modalidade de forma mais regional e descentralizada. A CBFv em audiência pública no ano de 2018 coloca como uma das metas e objetivos para os próximos anos, um planejamento para que a modalidade se torne olímpica (CBFv, 2018). É difícil pensar que essa tenha a mesma influência e impacto sobre as outras instituições como foi o caso da FIBA no basquete 3x3.

O ingresso do surfe nos jogos olímpicos também foi recheado de impasses e desdobramentos políticos. Havia uma pressão por parte do COI para que quem fosse a instituição responsável pelo surfe nas olimpíadas fosse a ISA (International Surfing Association), que era considerada a mais importante da modalidade até o surgimento da WSL (World Surf League) que é uma liga independente como a NFL



(National Football League) e a NBA (National Basketball Association) por exemplo. Acontece que o fenômeno esportivo do surfe está totalmente ligado a WSL que tornou a modalidade muito mais visível e mundialmente estruturada como é hoje em dia, e tem o vínculo com os principais nomes no cenário mundial. Sendo assim, o COI é quase que obrigado a aceitar a instituição nas organizações dos jogos olímpicos, uma vez que o ranqueamento geral e as principais competições são organizados pela WSL atualmente. Nos jogos de 2020 a organização das competições do surfe serão então uma parceria entre COI, ISA e WSL (STACHEVSK, 2020).

Na ausência de instituições mais significativas, o futevôlei tem encontrado nas redes sociais e mídias digitais o caminho para sua popularização e crescimento em geral. O que tem acontecido ultimamente no cenário do futevôlei brasileiro é que os atletas e ex-atletas mais consagrados, donos de centros para prática do esporte, organizam campeonatos nesses centros, muito bem estruturados, oferecendo muitas vezes premiações mais vantajosas quando comparadas as competições oficiais nacionais ou regionais, além da competição organizada pela Mikasa que reúne os principais nomes do esporte no país. Em todos os casos, as transmissões são feitas por redes sociais e têm alcançado cada vez mais seguidores e visualizações.

6. CONCLUSÃO

O presente estudo mostrou algumas características do futevôlei que dificultam a popularização massiva da modalidade, a primeira delas é a questão da quadra de jogo, a baixa oferta de lugares públicos para a prática nas cidades distantes do litoral. Foi possível entender de forma clara a relação presente na ausência da disponibilidade de locais para a prática com a necessidade de se pensar soluções, algumas opções de adaptação foram pesquisadas tanto quanto ao local da prática quanto as possíveis adaptações nas regras no momento de iniciação esportiva.

Ainda sobre o momento de iniciação também é importante pensar na relação técnica x tática do jogo, uma vez que a maioria dos interessados no esporte apresentam uma relação anterior com o futebol em vez do vôlei, favorecendo o repertório técnico inicial em detrimento do conhecimento tático da modalidade, as nomenclaturas presentes no futevôlei também são as conhecidas do vôlei como: saque, recepção, levantamento, diagonal, paralela, etc.

O contexto das instituições responsáveis pela promoção do esporte é de início de desenvolvimento, o cenário mundial ainda é muito pouco representativo, pela



baixa quantidade de países onde o futevôlei é jogado. Nacionalmente, a principal instituição que é a Confederação Brasileira de Futevôlei (CBFv) não apresenta resultados expressivos quanto a promoção e popularização da modalidade, o endereço eletrônico oficial não é atualizado com frequência, nem mesmo para a divulgação dos eventos organizados pela própria instituição.

Observando a características de todas as modalidades estudadas nessa pesquisa, principalmente as que estarão presentes no evento pela primeira vez de fato (escalada, basquete 3x3, skate e surfe), fica muito clara a necessidade da presença de instituições estruturadas, com estratégias bem definidas traçadas no sentido do desenvolvimento do esporte como um todo. Quanto a organização de competições, eventos voltados a modalidade, capacitação de profissionais para trabalharem na área, tanto no esporte de rendimento quanto de participação. O próprio cenário do esporte de participação mais significativo, com mais pessoas envolvidas e interessadas em todo o fenômeno esportivo. Essa relação fica nítida quando vemos atividades tão antigas como o surfe e a escalada por exemplo, se organizando esportivamente de forma real e definitiva depois de centenas de anos.

Nesse cenário o que se tem visto é o crescimento da modalidade por outros meios de comunicação, as mídias sociais, de responsabilidade de organizadores independentes como ex-atletas muito consagrados, ou a empresa fabricante da bola oficial do jogo, organizadora do Mikasa Open, evento representativo no esporte. Seria muito importante para o desenvolvimento da modalidade como um todo, se a confederação acompanhasse esse movimento no sentido de modernizar suas ferramentas de comunicação, divulgação e da própria organização dos eventos.

É importante conhecer a trajetória de outras modalidades esportivas, quais desafios enfrentaram para se popularizarem e difundirem mundialmente a ponto de serem escolhidas para o quadro de esportes olímpicos, apesar de se tratar de realidades muito distantes, o conhecimento pode ser adaptado, transferido para outra realidade. De todas as modalidades estudadas nessa pesquisa, poucas que chegaram aos jogos olímpicos tinham em suas instituições características muito semelhantes com as outras, pelo contrário, em geral tiveram origem e desenvolvimentos bastante diferentes ao longo dos anos, sendo assim quanto mais informação se tem sobre essa relação das instituições com suas modalidades específicas, melhor se pode pensar estratégias para a promoção de qualquer atividade, inclusive o futevôlei.



A perspectiva do crescimento cada vez mais intenso da procura pela modalidade, tanto para a prática quanto para o consumo de conteúdo e produtos que envolvem o esporte é real e bastante intensificada pela presença das mídias sociais. Nessas plataformas é possível se divulgar facilmente e de maneira instantânea ao público interessado, processo que anteriormente era muito mais complexo e demorado.

7. BIBLIOGRAFIA

ARENA BARAO CT. **Futêvolei para todos**. Campinas. 08 abr. 2018. Instagram: @arenabaraoct. Disponível em: <<https://www.instagram.com/arenabaraoct?igshid=q3pt9q084d1p/>>. Acesso em: 04 jul. 2020.

BADMINTON. **Confederação Brasileira de Badminton**: CBBd, 2015. Página inicial. Disponível em: <[https:// badminton.org.br/](https://badminton.org.br/)>. Acesso em: 06 de dez. de 2020.

Basquete 3x3 é novidade nos jogos olímpicos de Tóquio. **CONFEEF**, 2019. Disponível em: <https://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2019/N73_DEZEMBRO/12.pdf>. Acesso em: 15 dez 2020.

BEST, John Walton. **Como investigar en educación**. 2. ed. Madrid: Morata, 1972.

Borges, Carlos Nazareno Ferreira; Portilho, Gilberto Otávio Neto de Souza & Protásio Filho, Marcos Antônio Castro (2019). **Usos de Espaços Públicos de Esporte e Lazer**. LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, 22(4), 159-194.

BRASIL, Douglas Vinicius Carvalho. **Basquete 3x3: surgimento e institucionalização**. Ananindeua, PA: Itacaiúnas, 2020. 90p.

Buenos Aires. **Pedagogia do esporte e iniciação ao futevôlei**, v. 13, n. 127, p. 1-2,



10 dez. 2008. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd127/pedagogia-do-esporte-e-iniciacao-ao-futevolei.htm>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

CBFv. **Confederação Brasileira de Futevôlei**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/>>. Acesso em: 20 abr 2020.

CBHP. **Confederação Brasileira de Hoquei e patinação**, 2016. Página inicial. Disponível em: <<http://www.cbhp.com.br/>>. Acesso em: 06 dez 2020.

CBSurf. **Confederação Brasileira de Surfe**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.cbsurf.org.br/>>. Acesso em: 20 dez 2020.

CBSk. **Confederação Brasileira de Skate**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/>>. Acesso em: 20 dez 2020.

CBV. **Confederação Brasileira de Vôlei**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/>>. Acesso em: 20 abr 2020.

COB. **Comitê Olímpico do Brasil**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.cob.org.br/>>. Acesso em: 06 dez 2020.

COI. **Comitê Olímpico Internacional**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.olympic.org/>>. Acesso em: 06 dez 2020.

Esportes de criação nacional. **Camara**, 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cespo/apresentacoes-em-eventos/audiencias-publicas-2018/LANAAudienciaPublica_EsportesNacionaisFutevolei.pdf>. Acesso em: 20 de dez. de 2020.

FPK. **Federação Paulista de Karatê**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.fpk.com.br/>>. Acesso em: 10 dez 2020.

Futevôlei. **CEGB**, 2020. Disponível em: <<https://cegb.otg.br/futevolei/>>. Acesso em:



20 abr 2020.



Futevoleisp. **Futevôlei São Paulo**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://futevoleisp.com.br/>>. Acesso em: 20 abr 2020.

GASPAR, Vinicius Nogueira. **As práticas esportivas na orla de Vitória-ES: Um estudo entre praticantes de futevôlei e futebol**. Esporte e Sociedade. Niterói, v. 12, n. 29, p. 1-25, 2017.

MEIRA, Tatiana; BASTOS, Flavia; BÖHME, Maria. **Análise da estrutura e organização esportiva da natação no Estado de São Paulo**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, ano 2015, v. 29, n. 4, p. 583-600, 31 out. 2015.

Mikasa. **Mikasa**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<http://www.mikasa.com.br/>>. Acesso em: 2 jul 2020.

MIKASA OPEN. **Mikasa Open Futevôlei**. Rio de Janeiro, 2020. Instagram: @mikasaopen. Disponível em: <<https://www.instagram.com/mikasaoprn?igshid=1073snjdppakp/>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

MILLEN NETO, Alvaro Rego; FERREIRA, Alexandre da Costa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de educação física**. Motriz: rev. educ. fis. (Online), Rio Claro, v. 17, n. 3, p. 416-423, Set. 2011.

NAZARETH, Eduardo Fernandes. **Ação e experiência nos esportes coletivos**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 30, n. 87, p. 59-78, fev. 2015.

Quadro de Medalhas. **Quadro de Medalhas**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://quadrode Medalhas.com/>>. Acesso em: 15 dez 2020.

RAMALHO, Victor. **A história do Rugby nos jogos olímpicos**. Portal do Rugby, [S. l.], p. 1-2, 2 jan. 2016. Disponível em: portaldorugby.com.br/noticias/internacional/a-



historia-do-rugby-nos-jogos-olimpicos. Acesso em: 10 dez. 2020.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

SOUZA, Gustavo Henrique Vieira; GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do Esporte e Iniciação ao Futevôlei: uma proposta a partir da expansão das superfícies de prática do jogo**. Revista Digital efdeportes. v. 1, p. 1, 2007.

STACHEVSKI, Thiago Weigert. **A inserção do surf nos Jogos Olímpicos de verão Tóquio 2020: as estratégias dos agentes e instituições no campo esportivo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

VAN ROSSUM, Jaques. **Perceptions factors of determining in athletic achievement: an addendum to Hyllegard, et al. (2003)**. Perceptual and Motor Skills, Missoula, v.98, p.81-5, 2004.